

# Manobra pode garantir a Maciel a presidência do Senado em 91

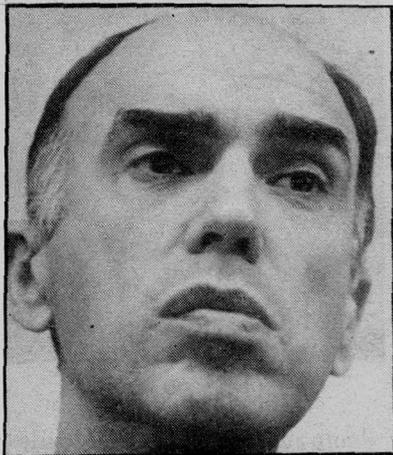
TARCISIO HOLANDA

Os partidários do senador Mauro Benevides (PFL-CE) já se convenceram que o candidato do bloco parlamentar de apoio ao Governo à presidência do Senado será o pernambucano Marco Maciel (PFL). A candidatura de Guilherme Palmeira, recém-eleito pelo PFL de Alagoas, não passaria de um artifício para atrair o presidente Fernando Collor de Mello à idéia de formação de um bloco parlamentar no Senado, o que contrariava o pensamento do coordenador político do Executivo, ministro Jarbas Passarinho, da Justiça.

“Dentro de 15 dias eles fritam a candidatura de Guilherme Palmeira”, profetizava um parlamentar do PMDB, profundamente envolvido nos bastidores da disputa pela presidência do Senado. Segundo essa fonte, Maciel teria usado, com habilidade, o nome de Palmeira para superar as resistências do também pernambucano Ney Maranhão, líder do PRN no Senado e vice-líder do Governo no Congresso.

## INIMIGOS

Maranhão chegou ao Senado graças à Frente Popular, que o ex-governador Miguel Arraes organizou em Pernambuco para chegar ao governo. Ney assumiu a senatória de Pernambuco em razão do falecimento do titular, o senador e usineiro Antônio Farias, atraído por Arraes para a Frente Popular. Ney é, portanto,



**Maciel: articulação**

adversário de Marco Maciel na política de Pernambuco.

Era ele quem mais defendia, junto aos mais altos conselhos do Governo, que o presidente Fernando Collor devia apoiar a candidatura do senador Mauro Benevides, o qual não representa qualquer ameaça para ele. Ney Maranhão sabia que, por trás da articulação do bloco parlamentar, estava o projeto do senador Marco Maciel de conquistar a presidência do Senado. Diante da resistência, a manobra tática foi lançar a candidatura de Guilherme Palmeira.

Foi Palmeira quem, acionado por Maciel, levou Collor à primeira reunião no apartamento de Bornhausen, quando foi “vendida” a idéia do bloco para dar sustentação ao Governo para disputar a presidência do Senado. Na segunda reunião, realizada anteontem, o Presidente anunciou a decisão de estimular a organiza-

ção do bloco parlamentar. Antes de Collor viajar ao Japão, Maciel havia conseguido eliminar as relutâncias do Presidente sobre a conveniência dessa opção.

Para coroar a hábil manobra que realizou, o senador Marco Maciel ainda conseguiu que o porta-voz da reunião-almoço de anteontem, no apartamento de Jorge Bornhausen, fosse o senador Ney Maranhão, já enquadrado no projeto endossado pelo presidente da República.

Apesar das restrições que seu nome possa suscitar no PFL e no Senado, Maciel é encarado, até pelos seus adversários do PMDB, como político sagaz e competente, que frequentemente age na penumbra para não sofrer o ônus das ações diretas. Quanto ao senador Bornhausen, trabalha-se para que venha a ser o futuro secretário-geral da Presidência da República.

Jorge Bornhausen é um político conceituado no Senado, amigo pessoal e aliado de Maciel e de Palmeira. Foi governador de Santa Catarina e conseguiu realizar um trabalho considerado capaz no Ministério da Educação, segundo o entendimento do próprio presidente da República. Collor não tem a mesma impressão do trabalho que o senador Carlos Chiarelli realiza no Ministério da Educação.

A colocação do senador Jorge Bornhausen no estratégico posto de secretário-geral da Presidência tem o objetivo de armar a estrutura política do Governo.